

CAPÍTULO I

Em que se fala do lugar onde Oliver Twist veio ao mundo e das circunstâncias que rodearam o seu nascimento

Entre outros edifícios públicos de uma certa cidade, cujo nome, por diversos motivos ponderosos, acho preferível omitir, e à qual não irei sequer atribuir um nome fictício, figurava um que, desde tempos remotos, é comum à grande maioria das nossas urbes, grandes ou pequenas; a saber, um asilo de indigentes; e neste asilo nasceu, num dia e num ano que não preciso de me dar ao incômodo de referir, na medida em que tal informação em nada importa ao leitor, pelo menos neste estágio da narrativa, o ente mortal cujo nome vem referido no título deste capítulo.

Durante longos minutos depois de ter sido trazido a este mundo de amargura e dor pelas mãos do cirurgião a soldo da paróquia, as dúvidas foram bem mais do que as certezas quanto a saber se o menino iria sobreviver e ser presenteado com um nome próprio, o que, a não ter sucedido, tornaria muito provável esta crônica não chegar sequer a ver a luz do dia, ou, caso isso sucedesse, abarcar somente um escasso par de páginas, o que lhe daria o inestimável mérito de constituir a mais concisa e mais fiel narrativa biográfica alguma vez dada à estampa em qualquer época ou nação.

Ainda que eu não vá a ponto de afirmar perentoriamente que nascer num asilo de indigentes seja só por si a mais feliz e invejável circunstância a que um ser humano possa estar sujeito, não hesito em vincar que, neste caso particular, se tratou da mais afortunada ocorrência, de entre a miríade de possibilidades que, à partida, o acaso tinha para oferecer a Oliver Twist. A verdade é que não foi fácil, longe disso, convencer Oliver a meter ombros à tarefa de respirar — um exercício maçador, mas que o hábito tornou indispensável para gozarmos uma existência livre de cuidados; e durante algum tempo ele jazeu, arquejante, sobre um pequeno enxergão de estopa, em equilíbrio precário entre este mundo e o outro, sendo que os pratos da balança pareciam pender decididamente a favor deste último. Pois bem, se durante este breve período Oliver estivesse rodeado de avós extremosas,

tias agitadas, amas experimentadas e médicos de imensa sabedoria, teria morrido, inevitável e indubitavelmente, em menos de um fósforo. No entanto, como não havia ninguém junto dele, à parte uma velha indigente, a quem o consumo imoderado de cerveja toldara o raciocínio, e o cirurgião a soldo da paróquia, que executava aquela tarefa sem grande empenho, Oliver e a Mãe-Natureza travaram um debate aceso em torno da questão. O resultado foi que, após alguns espasmos, Oliver encheu os pulmões de ar, espirrou e logo passou a anunciar aos desvalidos do asilo de indigentes que um novo fardo fora imposto à paróquia, desatando num berreiro o mais sonoro que seria de esperar, dentro dos limites do razoável, da parte de um bebê do sexo masculino que apenas se vira dotado desse atributo muito útil, a voz, havia escassos três minutos e um quarto.

No momento em que Oliver deu a prova inaugural da atividade livre e adequada dos seus pulmões, a manta de retalhos que cobria a cama de ferro, estendida às três pancadas, agitou-se; o rosto pálido de uma jovem ergueu-se debilmente da almofada e uma voz fraca pronunciou em tom alquebrado estas palavras: — Deixem-me ver o menino e depois morrer.

O cirurgião estava sentado numa cadeira, de rosto voltado para o lume, ora a aquecer as palmas das mãos ao fogo, ora a esfregá-las uma na outra. No momento em que a jovem falou, ele ergueu-se e, dirigindo-se para a cabeceira do leito, disse, com mais simpatia do que seria de esperar da sua parte:

— Ora essa, não há razões para falar em morrer, por enquanto.

— Nem por sombras, Deus acuda à provezinha, homessa! — interveio a mulher que fazia as vezes de enfermeira, guardando apressadamente no bolso uma garrafa de vidro verde, cujo conteúdo estivera a saborear a um canto com evidente satisfação. — Deus acuda à provezinha, quando ela chegar à minha idade, senhor doutor, e tiver trazido ò mundo treze filhos, todos mortos menos dois, que ‘tão aqui no asilo dos proves comigo, olhe qu’ela vai pensar duas vezes antes de falazar assim deste jeito, Deus lhe acuda! Pensa só no gosto que dá ser mãe, minha cordeirinha mimosa, pensa só.

À primeira vista, esta perspectiva consoladora dos prazeres da maternidade não teve os efeitos desejados. A padecente abanou a cabeça e estendeu as mãos na direção da criança.

O cirurgião depositou-lhe o menino nos braços. Ela colou-lhe à frente, num gesto apaixonado, os lábios frios e brancos, passou as mãos pelo próprio rosto, olhou em volta com expressão desvairada, foi percorrida por um calafrio, tombou para trás... e morreu. O cirurgião e a enfermeira friccio-naram-lhe o peito, as mãos e as têmporas, mas o sangue deixara definitivamente de lhe correr nas veias. Falaram-lhe na esperança e no consolo. Estes eram-lhe estranhos havia demasiado tempo.

— Acabou-se, Mrs. Thingummy! — declarou o cirurgião por fim.

— Ai, prove coitadinha, é bem verdade! — acudiu a enfermeira, apanhando a rolha da garrafa verde, que tombara na almofada no momento em que ela se debruçou para pegar na criança. — Prove coitadinha!

— Não é preciso mandar-me chamar se o bebé chorar, mulherzinha — disse o cirurgião, calçando as luvas com grandes vagares. — É bem possível que a criança se ponha a berrar. Dê-lhe um niquinho de papa de aveia, se for o caso. — Pôs o chapéu e, detendo-se junto à cama a caminho da porta, acrescentou: — Era bem bonita, a moça, ainda por cima; donde veio ela?

— Trouxeram ela ontem à noite — respondeu a velha —, a mando do superintendente¹. Deram co'ela caída no meio da rua. Tinha andado a pé um bom pedaço, porque tinha os sapatos feitos em tiras; mas lá dondê qu'ela veio ou pradonde é que ia, issê que ninguém sabe.

O cirurgião curvou-se sobre o cadáver e ergueu-lhe a mão esquerda. — A velha história — disse, abanando a cabeça. — Não tem aliança. Já percebi. Ora! Boa noite!

O praticante da arte médica saiu, tendo ido para casa jantar²; e a enfermeira, depois de haver novamente levado à boca a garrafa verde, sentou-se numa cadeira baixa defronte do lume e encetou a tarefa de vestir o bebé.

Que excelente exemplo do poder das vestes constituía o pequeno Oliver Twist! Embrulhado na manta que até então formara o seu único traje, tanto poderia passar pelo filho de um nobre como pelo filho de um mendigo; não teria sido fácil, nem mesmo ao mais desdenhoso estranho, atribuir-lhe o seu devido estatuto na sociedade. Mas agora, envolto nas velhas vestes de algodão, amarelecidas de tanto uso, ficou devidamente rotulado, com um letreiro explicativo ao pescoço, dir-se-ia, e encaixou-se de imediato no seu devido lugar: era um rapaz desvalido, um órfão nascido num asilo de indigentes, um humilde servo destinado a passar fome, a caminhar pelo mundo à força de pancadas e golpes, por todos desprezado e a ninguém inspirando compaixão.

Oliver chorou a bom chorar. Se soubesse que não passava de um órfão, entregue aos cuidados prestimosos de fabricários e superintendentes, talvez tivesse chorado ainda com mais empenho.

CAPÍTULO II

Em que se fala do crescimento, educação e alimentação de Oliver Twist

Durante os oito ou dez meses seguintes, Oliver foi vítima de um embuste, de um logro sistemático. Foi criado a biberão. A situação do pequeno

órfão, esfomeado e desvalido, foi, tal como mandam as regras, comunicada pelos responsáveis do asilo de indigentes aos responsáveis da paróquia. Com o devido recato, os responsáveis da paróquia indagaram junto dos responsáveis do asilo de indigentes se não havia, entre as mulheres à data residentes no asilo, alguma que estivesse em situação de proporcionar a Oliver Twist o consolo e a nutrição de que ele carecia. Os responsáveis do asilo de indigentes responderam humildemente pela negativa. Perante isto, os responsáveis da paróquia decidiram, num impulso magnânimo e caritativo, que Oliver deveria ser criado num «dispensário», isto é, por outras palavras, que deveria ser enviado para uma dependência do asilo de indigentes, a cerca de uma légua dali, um albergue de órfãos onde vinte ou trinta outros delinquentes juvenis que haviam atentado contra as leis de assistência aos desvalidos se reboavam pelo chão o dia inteiro, sem os incómodos do excesso de comida ou do excesso de roupas, sob a supervisão maternal de uma idosa, que acolhia os pequenos malfeitores a troco da quantia de sete dinheiros e meio por cabecita e por semana. Sete dinheiros e meio de comida por semana é uma dieta nutritiva e abundante para um bebé; muito alimento se pode comprar com sete dinheiros e meio, o bastante para encher a barriga do petiz e fazê-lo sentir-se empanturrado. A idosa era uma mulher sábia e experiente; sabia bem o que convinha às crianças e tinha uma percepção extremamente apurada do que convinha a si própria. Como tal, apropriava-se de grande parte do estipêndio semanal em seu próprio benefício e limitava a tenra geração a cargo da paróquia a uma mesada ainda mais magra do que a originalmente prevista. E assim, achando no mais fundo abismo uma fundura ainda maior, provava ser uma exímia praticante da filosofia experimental.

Toda a gente conhece a história de um outro filósofo experimental, que desenvolveu uma admirável teoria sobre a capacidade de um cavalo para viver sem comer e que a demonstrou de modo tão exímio que conseguiu reduzir a ração da besta a uma só palha por dia, e que, sem sombra de dúvida, teria convertido aquele cavalo num animal feroso e cheio de genica a troco de alimento nenhum, não fora a desafortunada circunstância de a besta ter morrido vinte e quatro horas antes de se poder deliciar com a sua primeira saborosa ração de ar puro. Infelizmente para os princípios de filosofia experimental da mulher a cujos desvelos Oliver Twist foi entregue, o *seu* sistema, quando posto em prática, costumava gerar um resultado análogo; é que, no preciso momento em que uma criança aprendia a subsistir à custa da porção mais reduzida possível do alimento mais diluído possível, devido a um concurso perverso de circunstâncias, em oito casos e meio em cada dez, ou porque adoecesse das privações e do frio, ou porque caísse ao lume por falta de vigilância, ou porque ficasse sufocada por acidente debaixo de uma manta ou cobertor, a verdade é que o desditoso

pedaço de gente era geralmente chamado para o outro mundo, onde se reunia aos pais que nunca chegara a conhecer neste.

Uma ou outra vez, quando as indagações em torno do falecimento de uma criança a cargo da paróquia se mostravam particularmente insistentes, por ocasião da morte de um petiz que passara despercebido a quem fizera um leito, morrendo por asfixia, ou que fora escaldado inadvertidamente com água a ferver a ponto de se despedir da vida, por ocasião de um banho — ainda que este último acidente fosse muito raro, pois as abluções ou qualquer coisa que se lhes assemelhasse eram ocorrências bem escassas naquele dispensário —, os membros do júri obstinavam-se em fazer perguntas incômodas, ou então os paroquianos, denotando um certo espírito de rebeldia, apunham as suas assinaturas numa reprimenda em letra de forma. Estas impertinências, porém, eram prontamente refreadas pelos indícios colhidos pelo cirurgião e pelo testemunho do bedel³, já que aquele abria sempre o cadáver e nada encontrava no interior (o que era perfeitamente lógico, aliás), e este, invariavelmente, jurava o que quer que os responsáveis da paróquia desejassem, o que só denotava a sua imensa abnegação. Além disso, os membros da junta de guardiões levavam a cabo peregrinações periódicas ao dispensário e tinham sempre o cuidado de mandar o bedel até lá na véspera, para anunciar a sua chegada iminente. As crianças apresentavam-se sempre bem vestidas e asseadas quando *elas* lá iam; que mais poderiam desejar os bons cidadãos?!

Não se poderia esperar que este sistema de criação produzisse rebentos particularmente viçosos ou luxuriantes. No seu nono aniversário, Oliver Twist era uma criança pálida e magra, de estatura bastante diminuta e de circunferência inequivocamente escassa. Todavia, a natureza, isto é, o sangue paterno, tinha semeado no peito de Oliver um ânimo sadio e robusto. Este tivera espaço de sobra para se expandir, graças à magra dieta fornecida naquela casa; e talvez se deva a esta circunstância o facto de ele ter sequer chegado a alcançar o seu nono aniversário. Fosse como fosse, o que importa é que aquele *era* o dia do seu nono aniversário; e ele estava a comemorá-lo na carvoaria da casa, juntamente com um grupo bem escolhido de dois outros jovens, que, depois de terem sido presenteados com uma valente sova, haviam sido trancados naquela divisão, tudo isto por terem o atrevimento de se dizerem esfomeados, e foi nesse momento que Mrs. Mann, a boa anfitriã daquela residência, ficou estupefacta ao ver que Mr. Bumble, o bedel, fazia esforços denodados para destrancar a cancela que dava acesso ao seu jardim.

— Ai, valha-me Deus! É o senhor que está aí, Mr. Bumble? — indagou Mrs. Mann, metendo a cabeça pela janela aberta enquanto o seu rosto denotava êxtases de júbilo postiço. — (Susan, leva o Oliver e os outros dois gaiatos prò andar de cima e dá-lhes um banho. E toca a despachar.)